



# **LIVRO 18 - O PORQUINHO QUE NÃO GOSTAVA DE SUJEIRA**

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

*Sinopse:*

*O livro conta a história do porquinho Cotoco que nasceu e crescia na fazenda. Mas, Cotoco tinha um problema - não gostava da sujeira do chiqueiro. Infeliz, ele não aceitava a ideia de ter nascido para viver sujo em um chiqueiro. Assim, descobriu maneiras criativas para se livrar deste destino e dar outros rumos à sua vida. Com divertidas ações, ele descobre maneiras de chamar e atenção do dono da fazenda e viver limpinho longe do chiqueiro. Ele é bem sucedido, graças à sua perseverança e determinação de não aceitar com resignação as regras da sociedade porca onde nasceu. Tônico, o filho do caseiro da fazenda, viu em Cotoco um exemplo de vida a seguir para traçar os seus próprios destinos.*

J. J. Dacosta

## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Era madrugada na Fazenda Santa Cruz. A Lua parecia o Sol. Ela tinha tanta claridade que iluminava todo o terreiro.

Tonico dormia profundamente enrolado em seu cobertor. Ele gostava de dormir assim, mesmo quando estava calor.

No chiqueiro a agitação era muito grande. Algo estava acontecendo que chamava a atenção de todos os porcos. A cachorra Ruana latia sem parar.

Tonico não demorou a acordar com todo este barulho. Assustado, Tonico pensava:

- Será que era ladrão querendo roubar os porcos?
- Será que era alguma onça rondando o terreiro?
- Ou seria um lobisomem vagando pela Lua cheia?

Com estes pensamentos, Tonico se escondeu debaixo da cama e gritou para o seu pai:

- Paiê! Tem um lobisomem lá fora!

O seo Ademir, pai de Tonico, já estava acordado e procurou acalmar o Tonico:

- Tonico, vê se dorme que ainda é cedo! Lobisomens não existem!

E saiu para ver o que estava acontecendo.

Não demorou muito para o seo Ademir descobrir o que estava provocando todo aquele alvoroço. A porca Porcana deu cria e nasceram treze lindos porquinhos.

Todos os porcos vinham para ver a nova família do chiqueiro, fazendo grande barulho.

Entre os porquinhos, nascia Cotoco, o mais esperto e o menor de todos. A disputa pelas tetas da mãe era muito grande. Todos os porquinhos queriam o precioso leite da Porcana.

Cada um procurava afastar com o focinho o outro para garantir um bom lugar. Cotinho, por ser o menor, ficava em desvantagem.

Ele tinha que se contentar com a teta menor e a que tinha menos leite. Mas, como era pequenino, um pouco de leite já o alimentava.

Porcana estava feliz e se deitava oferecendo suas tetas para todos os filhotes. Ela sentia cócegas com o toque de cinquenta e dois pezinhos de todos os filhotes sobre sua enorme e gorda barriga.

O seo Ademir trabalhava para o Doutor Siqueira. Ele era o dono da Fazenda Santa Cruz e era muito rico. Ele era um fazendeiro e grande criador de bois e porcos. Na fazenda tinha, também, uma grande plantação de milho.

O seo Ademir, dona Vilma e Tônico moravam em uma casa simples. A casa tinha uma pequena cozinha, com fogão a lenha, um quarto e uma pequena sala. Tudo era muito simples, mas muito limpinho e organizado.

Seo Ademir fazia todas suas compras na venda da fazenda. Na vendinha ele podia comprar comida, botinas, ferramentas, panelas e outras coisas.

Aos domingos rezavam em uma pequena capela. O seo Ademir sentia-se feliz desta forma. Ele achava que tinha tudo que precisava. Ele somente ia à cidade quando precisava comprar remédios ou roupas.

Tonico vivia e crescia, sem conhecer o mundo fora das cercas da fazenda.

Tonico estava feliz por ter mais treze amiguinhos para brincar.

Porcana estava feliz com seus treze lindos filhotes.

Porção, pai de Cotoco, estava feliz e muito orgulhoso por ser pai de mais treze filhotes bonitos e sadios.

Mas, a cachorra Ruana estava muito preocupada. Ela sabia que teria mais treze porquinhos para infernizar sua vida, roubando sua comida e sujando sua água.

Mas, Cotoco e seus irmãos ignoravam toda esta movimentação. Eles queriam mais é mamar e dormir na barriga gorda e quentinha de sua mãe.

Às vezes, eles acordavam e se assustavam com os latidos de Ruana. Quando isto acontecia, eles corriam para baixo de sua enorme mãe para se proteger.

Assim, os porquinhos viviam alegres e brincalhões. Eles corriam uns atrás dos outros e mordiam as enormes orelhas de sua mãe. E, comiam, comiam muito, engordando cada vez mais.

Se não estavam comendo, estavam fazendo outra coisa que gostavam muito - banhar-se na lama do chiqueiro.

Menos Cotoco. Ele detestava a sujeira do chiqueiro! Ele procurava sempre o canto mais limpo. O seo Ademir lavava o chiqueiro todos os dias.

E Cotoco corria para ficar embaixo da mangueira de água e se lavar. Assim, quase sempre ele estava branquinho e limpinho.

Comida não faltava. O seo Ademir dava comida à vontade para todos.

Mas, o seo Ademir cumpria ordens do patrão Doutor Siqueira. Ele queria ver os seus porcos gordos e fortes.

Quando já estavam com dois meses, os porquinhos começaram a andar por todos os lados do chiqueiro. De vez em quando, o seo Ademir deixava a porta do chiqueiro aberta. Assim, os porquinhos podiam passear um pouco pela fazenda. Enquanto eles passeavam lá fora, o seo Ademir lavava o chiqueiro.

Certo dia, Cotoco parou em frente a outro chiqueiro. Lá ele conheceu vinte e cinco primos. E não se conformava de ver todos eles muito sujos. Todos gostavam de se esfregar e dormir na lama. Não encontrou nenhum primo que fosse como ele - limpinho e branquinho.

Todos eram muito gordos e sujos. Cotoco arriscou uma pergunta:

- Ei, primos! Eu sou o Cotoco! Por que vocês não vêm tomar banho comigo?

Os porcos olharam uns para os outros achando estranha a pergunta do novo primo. Ai, um deles falou:

- Você é novo por aqui mesmo, não? Ainda não falaram para você que porcos gostam de sujeira? Nós adoramos a porcaria!

- Porcaria? Perguntou Cotoco de volta.

- Ei, porcada, ele não sabe o que é a porcaria! Porcaria é imundice, sujeira da pesada, muita lama..

- Ele não sabe como é gostoso se esfregar e deitar na porcaria do chiqueiro! Diziam outros.

E todos riram de Cotoco que se retirou triste e inconformado.

- Porcaria, porcaria! Como pode estes meus primos gostarem tanto assim de sujeira!

Mas, como todo filhote, Cotoco queria mais era brincar. Uma das brincadeiras que ele mais gostava era pegar a lata da comida da Ruana e sair correndo. E ela saía atrás dele pelo terreiro.

Certo dia, Cotoco resolveu perguntar para sua mãe por que os porcos gostavam tanto da sujeira:

- Cotoco, você é muito novo e deve mais aproveitar para comer bastante, brincar e se divertir. Não se preocupe com isto. Mais cedo ou mais tarde, você também vai se acostumar viver na sujeira!

Assim, Cotoco seguia os conselhos de sua mãe. E aproveitava para brincar, comer, passear, comer. Quando estava solto, visitava os lugares da fazenda onde tinha mais chiqueiros e pensava:

- É verdade! Todos os porcos parecem que adoram viver na sujeira. Mas, eu não quero ser assim!

Com o tempo, Cotoco passou a ser o porquinho mais limpinho e branquinho entre todos os outros porcos. Mas, isto durava pouco.

Muitas vezes dentro do chiqueiro, Cotoco tinha que se deitar no chão sujo. Ele não achava um canto limpo. Nas brincadeiras com os seus irmãos, ele ficava mais sujo ainda.

Em uma preguiçosa manhã de calor, Cotoco dormia tranquilamente. Apesar de infeliz no chiqueiro, ele procurava o canto menos sujo para ficar. De longe, ele viu dona Vilma lavar roupa no tanque. Uma água limpa e clara saía da torneira. E ele pensou:

- Preciso dar um jeito de sair deste chiqueiro. Quem sabe a mãe do Tônico me dá um belo banho!

Cotoco conseguiu sair do chiqueiro por debaixo da cerca. Esta era uma vantagem de seu pequeno tamanho.

Ele foi até o tanque e procurava chamar a atenção de dona Vilma. Ela chegou a jogar alguns baldes com água nele.

Mas, sua alegria durou pouco com a chegada do seo Ademir:

- Vilma, o que este porquinho está fazendo fora do chiqueiro. O Doutor Siqueira não quer que eles saiam de lá!

E com uma varinha na mão, o seo Ademir levou o Cotoco em direção ao seu chiqueiro.

Em uma de suas andanças pelos chiqueiros da fazenda, Cotoco encontrou Banha.

Banha era uma porquinha gordinha que ele gostava muito e lhe perguntou:

- Banha, sua mãe já lhe explicou por que os porcos gostam tanto de sujeira?

- Já, Cotoco. Aliás, qual o porco que não gosta? Porcos nasceram para viver em chiqueiros, no meio da porcária!

- Mas, Banha! Eu não gosto! Eu não gosto!

Banha explicou isto com a maior naturalidade e aceitação. Ela viu seus avós, pais, tios, primos todos viverem na sujeira.

- Mas, Banha, você aceita isto? Não vai lutar contra isto?

- Cotoco, só rindo de suas perguntas. Nós não podemos fazer nada. Quer um conselho? Vá comer e se divertir. E vá se acostumando a viver na sujeira!

Os dias seguintes foram terríveis para Cotoco.

Ele não queria viver no chiqueiro para toda a vida.

- Viver na sujeira para sempre! Não, isto não! Pensava revoltado.



O que mais aborrecia Cotoco era ver como todos os porcos do chiqueiro aceitavam viver em um chiqueiro sujo uma vida toda. Isto incluía seus pais e seus irmãos.

Eles se preocupavam apenas em comer, comer, comer cada vez mais. Aceitavam isto de cabeça baixa. Porcos andam sempre de cabeça baixa.

Mas, Cotoco não. Ele queria viver, crescer, passear, conhecer o mundo ao redor da fazenda e andar sempre branquinho e limpinho. Viver no chiqueiro para sempre, nem pensar.

Nos dias que se seguiram, Cotoco tinha somente um pensamento - como livrar-se do chiqueiro. Cotoco começou a observar tudo e todos em volta da fazenda.

Não demorou muito para ele descobrir que nem todos os animais viviam em lugares sujos, como o chiqueiro.

Cotoco notou que havia alguns animais que os homens tratavam diferente. Eles gostavam de estar sempre com estes animais, davam comida, faziam carinho, davam banho, como o cão e o cavalo.

Cotoco observava a forma como Ruana se aproximava do Doutor Siqueira, abanando o rabo, com a boca aberta como se estivesse sorrindo. O Doutor Siqueira acariciava a cabeça dela e, não raras vezes, dava alguma coisa para ela comer.

Assim, Cotoco decidiu arriscar. Aproximou-se do Doutor Siqueira, abanando o rabicho retorcido e com a boca aberta imitando um sorriso.

Mas, o que ouviu foi um grito do Doutor Siqueira para o seo Ademir:

- Quem soltou este porquinho? Eu já falei que eu quero todos os porcos no chiqueiro!

Mas, Cotoco não desanimava e sempre dava um jeito de escapar do chiqueiro.

Certo dia, ele viu o Doutor Siqueira atirar um pedaço de pau para Ruana pegar.

Ele viu a cachorra pegar e trazer o pequeno pedaço de pau entre os dentes para o Doutor Siqueira.

Quando o Doutor Siqueira atirou o pau pela segunda vez, Cotoco correu e chegou na frente. E, zás-trás, pegou o pau primeiro e o prendeu entre os dentes levando-o rapidamente para o Doutor Siqueira.

O rico fazendeiro, desta vez, achou muito engraçado um porquinho pegar um pedaço de pau atirado longe e ria com gosto, dizendo:

- Meus amigos não vão acreditar quando eu falar o que acabo de ver. Um porquinho agir como um cão, isto é muito engraçado!

Desta vez, ele não gritou para o seo Ademir prender Cotoco no chiqueiro. Para Cotoco, tinha sido uma primeira vitória.

E Cotoco não parou por aí. Em um domingo pela manhã, o seo Ademir estava preparando o fogo para assar carne. Haveria um grande churrasco para os amigos do Doutor Siqueira.

Para ter um fogo bom e forte, o seo Ademir andava pela fazenda procurando pedaços de galhos secos espalhados pelo pasto. Ele se abaixava, pegava um ali, outro acolá. E segurava os pedaços de galhos secos debaixo dos braços, formando um feixe.

Cotoco viu, assim, uma segunda oportunidade - começou a correr em voltas e trazia todos os galhos secos que achava. Assim, o seo Ademir pode juntar todos os galhos que queria mais rapidamente.

O seo Ademir não contava com esta ajuda extra do porquinho que o seguia por todas as partes e comentou isto com o patrão.

- Um porquinho que age como cão, que ajuda a pegar galhos para o fogo, isto é demais! Respondeu o Doutor Siqueira, começando a ficar orgulhoso de seu porquinho.

Nem sempre Cotoco era calmo em suas tentativas. Às vezes, entravam pessoas estranhas na fazenda. Ruana latia e tentava morder os intrusos, defendendo a fazenda.

E Cotoco não deixava por menos. Lançava-se contra as pessoas estranhas procurando morder seus calcanhares. Logo, logo, elas corriam e iam embora, abandonando a fazenda.

De longe, o seo Ademir e Doutor Siqueira gostavam de ver que a fazenda passou a ter outro cão de guarda, ou melhor, um porquinho de guarda - Cotoco.

Durante o churrasco, o Doutor Siqueira se orgulhava de mostrar aos seus amigos o seu porquinho diferente. Jogava pedaços de pau para ele ir buscar. Cotoco, em todas às vezes, obedecia.

Todos riam e diziam que nunca tinham visto algo parecido. Como brincadeira, mandava Cotoco avançar em alguns de seus amigos:

- Pega, pega Cotoco este homem mal! E Cotoco corria atrás deles, fingindo querer morder seus calcanhares.

Cotoco crescia e já podia ser considerado um porco jovem, mas adulto. Estava gordo e forte.

Quando Ruana tomava banho com sabão e água da mina, Cotoco se aproximava do seo Ademir para ser lavado também. Ele queria sempre ficar bem limpinho e cheiroso para os patrões.

Em uma das visitas das netas do Doutor Siqueira à fazenda, um dos cavalos empacou. O cavalo não queria se mover, mesmo sendo ameaçado com chicotadas.

Com esta recusa, estava faltando um cavalo para uma das netas do Doutor Siqueira. E ela chorava inconsolável.

Foi quando Cotoco se aproximou e se abaixou perto dela, oferecendo-lhe as costas para que ela montasse. Delicadamente, Cotoco a levou para passear por toda a fazenda. Isto foi sua consagração final.

- Este porco é um colosso! Ele é um artista! Vou ficar com ele para sempre na fazenda. Será a minha nova mascote! Dizia o Doutor Siqueira, para alegria de todos, principalmente de Tónico.

Cotoco passou a ser uma celebridade. O padre da paróquia, o delegado e até o prefeito da cidade vieram conhecer Cotoco e se encantaram com ele. O Doutor Siqueira recebia os visitantes na fazenda e fazia questão de mostrar, pessoalmente, as traquinagens que Cotoco fazia.

Cotoco foi notícia na rádio e saiu até no jornal da cidade. Cotoco ganhou até um laço de fita vermelha ao redor do pescoço. Assim, ele se sentia todo importante e orgulhoso.

E, assim, Cotoco viveu por muitos anos na fazenda e nunca mais foi para o chiqueiro. Este foi este um prêmio pelo seu esforço de lutar por uma vida melhor.

Ele nunca concordou com os porcos do chiqueiro em aceitar a sujeira como um fato natural. Ele não concordava com a resignação de seus parentes porcos de aceitar uma condição tão desfavorável passivamente.

Assim, ele recebeu o merecido prêmio de ter lutado por uma vida melhor.

Cotoco agora estava adulto e gordo. Passava a maior parte do tempo deitado na varanda da casa do Doutor Siqueira.

Continuava a mascote da fazenda. Mas, poucas vezes ele tinha que demonstrar suas habilidades e traquinagens. Assim, limitava-se a dormir, comer e acompanhar os acontecimentos à sua volta. Ele se voltava agora a acompanhar a rotina do seu amigo Tônico.

Tônico acompanhou de perto a luta de Cotoco por uma vida melhor. E, de certa forma, isto lhe serviu de lição.

Tônico via as netas do Doutor Siqueira ir para a escola todas as manhãs. Mas, o seo Ademir não queria que Tônico fosse para a escola. Ele dizia que para cuidar dos porcos, levar os bois para pastar e plantar milho não precisava saber ler e escrever.

O Tônico crescia e completava agora 10 anos de idade. E Tônico começou a observar a vida de seu pai Ademir na fazenda.

Tônico via seu pai levantar às 5 horas da manhã. Ele tomava um café rápido, comia um pedaço de pão amanhecido e ia para o trabalho na roça. Todos os dias, de Sol a Sol, via seu pai trabalhar duro na enxada até quando começava anoitecer. Seu pai mal ganhava para comer e comprar algumas roupas e calçados.

Mas, o seo Ademir não parecia ser um homem infeliz. Ele estava satisfeito de morar na casa da fazenda, ter sua comida garantida todos os dias.

À noite, o seo Ademir sentava-se no banco de madeira do lado de fora da casa. Lá, ele proseava com os seus amigos, todos eles peões da fazenda. Eles contavam casos, pitando um cigarrinho de palha. Esta era a sua rotina todos os santos dias.

Um dia, Tónico perguntou ao seu pai:

- Pai, eu também vou trabalhar na fazenda quando crescer?

E seu pai respondeu:

- Claro, meu filho! Meu bisavô, meu avô, meu pai e eu sempre trabalhamos no campo. Nas fazendas onde trabalhamos, nós plantamos, cuidamos de bois, de porcos, construímos cercas. E você, quando ficar um moço, vai ser um peão também e dos bons! Não há nada que você possa fazer para mudar esta situação. Esta é a nossa vida e sempre fomos felizes assim.

E Tónico questionava:

- Mas, pai, eu tenho outros planos para mim! Eu quero outro tipo de vida. Eu quero conhecer a vida fora da fazenda, estudar, conhecer outras pessoas, outros lugares. Ficar na fazenda para sempre, nem pensar!

- Tónico, deixe de sonhar! Disse o seu pai, conformado.

- Aqui não é ruim, temos nossa casa, a venda para comprar o que precisamos. Temos nosso trabalho. Acordamos com o cantar do galo. Ouvimos os passarinhos. Proseamos com os amigos. Aos domingos rezamos na capela. O que mais um homem pode querer na vida? Nunca mais vamos falar sobre este assunto! Está bem assim? Advertiu o seo Ademir.

E a dona Vilma concordava com o seo Ademir:

- Tónico, o seu pai tem toda razão. O mundo lá fora não é melhor do que o mundo que temos aqui na fazenda. Nós sempre fomos peões e sempre seremos!

Cotoco acompanhava esta conversa de longe. Queria poder falar com Tónico. Percebia que Tónico ficou triste e decepcionado após a conversa com os seus pais.

Não era bem esta vida que Tônico queria para si, mas, ele não sabia o que fazer.

E Tônico se questionava:

- E agora, o que devo fazer?

Tônico tinha duas escolhas - ele deveria ficar na fazenda e se tornar um peão conforme o gosto de seus pais. Ou deveria procurar convencer seus pais a respeito de seus sonhos e planos para o futuro.

Tônico, às vezes, ia até a porta da escola. Ele via a alegria das crianças levando seus cadernos e livros na mochila. Ouvia as risadas dos alunos que ecoavam de dentro das salas de aula.

Ele comprou um caderno, lápis, caneta e lápis de cor com as moedas que tinha juntado. À noite, passava rabiscando o caderno. Ele procurava copiar as letras que apareciam na televisão. Mas, não sabia o que elas queriam dizer.

Um dia, Tônico pediu para a Luíza, uma das netas do Doutor Siqueira, para ensiná-lo a ler e escrever. Ela já estava na quarta série e tinha, também, 10 anos de idade. E ela se entusiasmou com a ideia:

- Brincar de escolinha? E eu vou ser a professora? Eu aceito!

Luíza, a Lú como era chamada por Tônico, levou a brincadeira muito a sério. Ela trouxe uma lousa e giz, arrumou um quartinho vazio perto da casa sede da fazenda. Ela colocou cinco cadeiras velhas. Assim, a classe pareceria maior. E poderiam aparecer outras crianças interessadas em estudar.

E as aulas começaram, a professora Lú cumprimentando os seus alunos:

- Bom dia, crianças! Vamos fazer a chamada! Antonio Carlos de Oliveira!

Tônico não entendeu e não respondeu à chamada!

- Antonio Carlos de Oliveira! Você está surdo, menino?

- Não, Lú!

- Favor me chamar de professora Lú!

- Está bem, professora Lú. Mas o que devo fazer?
- Você tem que responder a chamada. Diga 'presente'. Assim, eu marco na lista que você veio assistir a aula!
- Mas, Lú, quero dizer, professora Lú, eu sou o único aluno aqui na classe!
- Não importa. Você tem que responder minha chamada e pronto. Ou eu não brinco mais!
- Está bem, professora Lú. Presente!
- Bem, Tônico. O que você já sabe escrever?
- Eu sei escrever muitas coisas.

Dizendo isto, Tônico rabiscou no caderno um monte de letras e palavras que ele copiava da televisão.

E a professora Lú disse:

- Muito bem, Tônico. Então, leia estas letras e estas palavras para mim!
- Ler eu não sei não, professora! Eu sei só escrever. Disse Tônico.
- Tônico, se você não sabe ler, você também não sabe escrever!
- Mas, professora Lú. Eu sei escrever. Veja as letras e as palavras que eu escrevi aqui no caderno!
- Tônico, você não escreveu estas letras e estas palavras. Você simplesmente desenhou estas letras e estas palavras. Entendeu agora?

Sem entender muito bem, Tônico resolveu deixar esta discussão de lado.

E Tônico começou, assim, a ter suas primeiras aulas. Ele logo aprendeu a ler e escrever. Não tão bem como a Luíza. Mas, o suficiente para ler algumas coisas para os seus pais.

E, assim, começou uma amizade verdadeira entre Tônico e Lú que duraria a vida inteira!

À noite, Tónico pegava folhas do jornal que o Doutor Siqueira jogava no lixo e lia:

- Veja, pai! O Governo está dando terras para as famílias pobres que queiram fazer plantações de milho, feijão, mandioca, verduras e outros alimentos! E o Governo ainda dá as sementes e as ferramentas. É a tal de reforma agrária!

- Veja, mãe! Aqui tem uma receita de como fazer bolo de laranja. A senhora quer aprender?

O seo Ademir e dona Vilma ficavam interessados nestas notícias.

Um dia, o seo Ademir perguntou para Tónico se ele conseguiria escrever uma carta para o seu irmão que morava em Minas Gerais. O seo Ademir não via o irmão há mais de quinze anos. Mas, tinha o seu endereço.

- Acho que sim, pai. Vamos tentar. O que o senhor gostaria de escrever?

E Tónico escreveu uma linda carta que foi recebida com muita alegria pelo seu tio, irmão de seu pai. Quando Tónico leu a carta enviada em resposta pelo tio, o seu pai chorou! Era como se o seo Ademir estivesse conversando com o irmão que não via há muito tempo.

Aos poucos, os pais de Tónico foram compreendendo a importância do estudo e já aceitavam a ideia do Tónico estudar.

Tónico conseguiu convencer os seus pais para ir morar na cidade, por uns tempos, com uma tia muito querida.

A Lú ficou triste com a partida de Tónico. Ele era o seu melhor amigo na fazenda.

Na cidade, Tónico encontrou uma grande e mágica porta que tornou seus sonhos uma realidade - a escola! E percorreu os caminhos certos e seguros dos estudos.

Para tranquilidade de seo Ademir e dona Vilma, Tónico visitava a fazenda quase todos os finais de semana. E a Lú ficava muito feliz, também! Ele procurava contar as novidades para os seus pais. E ficava muito tempo conversando e passeando com sua primeira professora, a Lú.



E não deixava de falar com Cotoco, que o olhava com atenção e carinho, apesar de não poder responder.

Tonico formou-se Agrônomo. Nesta profissão, ele passou a entender tudo sobre agricultura, ou seja, sobre plantações, a qualidade dos terrenos, as melhores técnicas para plantar. Isto demonstrava que a vida na fazenda tinha marcado muito sua vida. Hoje ele trabalha em uma grande empresa que possui grandes fazendas.

Nestas fazendas, a empresa onde Tonico trabalhava tinham plantação de soja, milho e outros grãos, além de produzir óleo de soja e de milho. Tonico era um funcionário muito importante.

Tonico cresceu, ficou moço. A Lú cresceu, ficou moça também. E a amizade de crianças se tornou um namoro, que terminou em casamento! Este casamento foi de grande alegria para o seo Ademir e dona Vilma. O Doutor Siqueira também fez muito gosto neste casamento. Ele gostava muito do fiel empregado, seo Ademir. E admirava muito Tonico por sua luta em vencer na vida.

Graças aos estudos, Tonico realizou os seus sonhos e ideais de vida e vive uma vida bem confortável e feliz ao lado da esposa Lú e dois filhos. Em sua mesa de trabalho na empresa, Tonico, agora o agrônomo Antônio Carlos de Oliveira, mantinha um porquinho de porcelana. Em sua perna mandou escrever a palavra 'Cotoco'. Todos os dias, o Tonico olhava para o porquinho de porcelana branca, pegava-o com as mãos e o acariciava suavemente.

Em alguns momentos, o seu pensamento viajava longe no tempo. Ele se lembrava, com saudades, da época do Cotoco e da vida com os seus pais na fazenda. Ria quando se lembrava que Cotoco serviu de cavalinho para a Lú.

Na fazenda distante, muito tempo se passou. Cotoco continuava na varanda da casa do Doutor Siqueira, dormindo, comendo, acompanhando os acontecimentos à sua volta, até que um dia não acordou mais...

Ao redor de seu pescoço Cotoco trazia, ainda, o laço de fita vermelha, que mostrava como tinha sido especial para todos que o conheceram em vida. Por muitos anos ele continuou sendo lembrado na fazenda, por suas brincadeiras, por seus exemplos. Exemplos de perseverança e determinação em vencer as condições desfavoráveis impostas pela sociedade porca onde nasceu.

FIM